

**A HISTÓRIA DA LITERATURA CONTADA E RECONTADA:  
COMO ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO CAP-UNIGRANRIO  
“LERAM” JOÃO DO RIO E OLAVO BILAC?**

*Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO) [ja-capili.jl@gmail.com](mailto:ja-capili.jl@gmail.com)

*Jéssica Carvalho da Silva* (UNIGRANRIO) [jessicacarvalhok@gmail.com](mailto:jessicacarvalhok@gmail.com)

*Annelise Guedes Ramos* (UNIGRANRIO) [annelyseguedes@gmail.com](mailto:annelyseguedes@gmail.com)

*Larissa Lima* (UNIGRANRIO) [contato.larissalima.rj@gmail.com](mailto:contato.larissalima.rj@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho é reflexo de pesquisas sobre a Literatura e a História a partir das análises de algumas obras de João do Rio e Olavo Bilac durante os primeiros anos do século XX. Nesta etapa, além de observarmos as questões levantadas pelos autores e suas reflexões sobre a cidade do Rio de Janeiro, evidenciamos como alunos do Ensino Médio do CAP-UNIGRANRIO, na sede Duque de Caxias, apreenderam as categorias levantadas por tais autores a partir de Oficinas de leitura e escrita ministradas para eles. Nossa intenção era compreender a História da Literatura como possibilidade de entendimento da História da Cidade e suas principais indagações.

**Palavras-chave:**

**Oficina de leitura. Olavo Bilac. João do Rio.**

***1. A história contada pelo professor de história: questões***

A realidade precisa ser interpretada, e a Literatura utilizada como fonte para História, pois ambas são modalidades de um exercício imaginário de reconstrução do mundo. Logo a Literatura e a História oferecem o mundo como texto e uma complementando a outra, como por exemplo, a Literatura confirmando fatos para a História. Juntas, compõem uma narrativa que constrói um enredo e desvendam uma trama. Narrativas do passado, realizando configuração de um tempo. Sendo não presente, nem passado, todavia ocupando o lugar do passado, pois o processo de escrita constrói um futuro.

Por isso, a narrativa histórica está interligada a uma busca não pela veracidade, mas por uma relação com a ficção que passa a ser notada como algo que vai além do verdadeiro ou falso, e sim um fundamento do ser,

como capacidade de recriar o mundo. Em se tratando disso, recriação do mundo tem como uma de suas formas a Literatura e a História.

Muito nos preocupa, como professores de História e educadores o processo de ensinar e aprender, principalmente em perceber como o conhecimento histórico é produzido no Ensino Médio, não apenas na intenção de uma reprodução deste conhecimento. (CAMBRINI, 2000).

Diferente do pensamento reproduzido no Ensino Superior, já direcionado à construção do conhecimento, os níveis escolares denotam uma hierarquia, indicando a responsabilidade de se pensar a História como ciência. No Ensino Médio, o livro didático torna-se uma “verdade”, fazendo dele um dogma e não, uma ferramenta.

Neste sentido, Cambrini e autores (2000) apontam que não só o conteúdo da disciplina está em jogo, mas as relações de poder corroboram com um duelo entre professor e aluno, quando a produção do conhecimento e a reflexão devem vir de ambos os lados.

Nossa preocupação é compreender que o professor de História deve cuidar em não trabalhar com reducionismo e esquematizações que fragmentem o conhecimento histórico, que não façam os alunos aprenderem por uma versão cronológica de “importância”. Ou seja, pensar a História como construção e não como verdade absoluta.

Pesquisas abordam que o que se aprende na Universidade e o que se ensina nas escolas, muitas vezes são modelos dicotômicos. (FONSECA, 2006). Esta é uma concepção historicamente datada, começando no Regime Militar (1964-1985). Durante o período de redemocratização houve uma ampliação do debate, embora até mesmo a divisão das formações em Licenciatura e Bacharelado acentuasse o distanciamento entre a formação universitária e a realidade escolar.

O docente da Escola Básica, formador de opinião e disseminador dos conteúdos disciplinares, deveria dominar o conteúdo, transmiti-lo e produzir valores, mas sobretudo, permitir a reflexão dos alunos, como sujeitos e objetos da História.

Além do próprio currículo, as formas interdisciplinares de se pensar os modelos disciplinares também entram na questão das concepções metodológicas, na problematização, na historiografia e nas fronteiras entre a História e outras áreas do conhecimento: documentos, monumentos, patrimônios, cinema, iconografia e literatura, auxiliam o professor de história para pensar as análises de suas estruturas e se organizarem.

## 2. *A possibilidade de se pensar a história pelo viés literário*

Historicamente o ensino de história sempre primou pelos grandes fatos e homens, uma história sagrada até o século XIX, quando a ciência ganha espaço. Segundo Lima e Fonseca (2006a), já no Iluminismo uma marca laicizante aparece, embora não muito expressiva. Com o surgimento do capitalismo e a formação do cidadão e das identidades nacionais, a História vai se tornando efetivamente uma disciplina escolar.

No Brasil não foi diferente. Os temas estudados nos currículos e programas a partir do século XIX e principalmente a partir do período republicano, tinha o foco no Livro Didático, com formação cívica e nacionalista e o ensino secundário, até os anos 1930 tinha uma perspectiva formadora das Elites. A criticidade foi aparecendo e nos anos 1960 a História encontra em outras áreas uma possibilidade mais interpretativa e problematizadora. Mudava-se os objetos, as fontes, os olhares. (NADAI, 1993) e a partir de então, a Literatura entra fortemente como fonte para os trabalhos com a História.

A discussão interdisciplinar, neste caso a conexão entre História e Literatura, tornou possível estabelecer uma linha de trabalho pautada na metodologia necessária ao estudo histórico, associada às múltiplas possibilidades que a Literatura oferece. Para este fim, trouxemos para os alunos do CAP/UNIGRANRIO a leitura das crônicas de Olavo Bilac (Contos Pátrios) e João do Rio (A Alma Encantadora das Ruas) tornando possível a compreensão dos acontecimentos no Rio de Janeiro de sua época partindo de um ponto de vista próprio, estabelecendo novas discussões, livre das amarras da narrativa tradicional.

Observando as narrativas dos alunos a respeito do século XX percebemos seus interesses pelas mudanças da malha urbana do Rio de Janeiro durante a Belle Époque brasileira. Dentre as categorias mais usadas, os alunos se debruçam em Reforma Urbana; Mau deslocamento dos pobres e moradores de cortiços durante a Reforma Pereira Passos; Falta de realidade na escrita (algo voltado para o interesse do autor enquanto elite); Desinformação do povo; Falta de planejamento urbano; Revolta da Vacina; Parnasianismo e influências; O que é cultura?

Pelas nossas análises das redações dos alunos do ensino médio do CAP-Unigranrio das respectivas turmas trabalhadas, observou-se que a respeito de absorção do conteúdo, os alunos tiveram, em sua maioria, boa

receptividade, além dos textos trabalhados tanto de João do Rio quanto Olavo Bilac, terem sido cativantes aos olhos dos mesmos.

A respeito do que os alunos compreenderam, o que nos chamou atenção é que a maioria das redações foram feitas baseando-se no tema/texto proposto por Olavo Bilac, no conto escrito com Coelho Neto, Contos Pátrios (1931) onde o personagem “Pai” tratava da questão das origens “do filho” no texto, seus antepassados, como foram construídos o contexto de civilização, a visão do que era “bárbaro e sem cultura”, além do fator de uma raça ser superior a outra.

Os alunos, em sua maioria, conseguiram fazer a conexão do passado-presente, inclusive gerando questões próprias deles como origem da corrupção ou até mesmo “nascimento” do racismo. Outro ponto levantado nas redações, em algumas, foi a respeito do Parnasianismo e sua corrente literária – a busca do belo e perfeito. Até que ponto a corrente literária influenciava a opinião do autor? Ou então até que ponto a opinião do autor contribuía para o desenvolvimento do Parnasianismo? E se estendeu até a questão da mulher e sua representatividade em textos antigos, além do que é cultura e globalização – assuntos os quais infelizmente não foram postos nas redações, porém surgidos durante o debate em aula.

Os temas atuais em voga, que são justamente voltados para preconceito em suas variáveis formas, foram os pontos mais abordados nas redações. Durante a apresentação da oficina, os alunos eram colocados face à pautas, questionamentos e frases polêmicas escutadas e/ou lidas na atualidade para justamente, além de propor a compreensão do texto e o enriquecimento das redações, trazer a reflexão que a história em conjunto com a literatura consegue fazer; Que mais do que apenas um livro contando um romance sobre determinada época, achamos informações vitais para compreensão da construção social de algum comportamento típico de uma massa ou atípico dentro da linha temporal desde a publicação da obra até os dias atuais.

### **3. Considerações finais**

Acreditamos que tenha sido importante a existência desse projeto, das redações, apresentações nas oficinas, debates, pois através das redações, com um olhar mais minucioso, nota-se que a juventude das turmas trabalhadas busca por conhecimento, quer saber da origem de algo que

hoje para eles, que sofrem ou conhecem alguém que sofre preconceito ou algo do gênero, é algo sem sentido.

Trazer esse jogo da Literatura com História, além de tratar a disciplina em si de forma mais leve, traz pensamentos que até mesmo nos bancos universitários, não se percebe. Mais do que apenas ir na frente de uma turma e passar o conteúdo programático, os alunos buscaram por fatos correlacionados a seus cotidianos. Com isso, já pode ser visto como os trabalhos em sala, seja por oficinas de literatura quanto o ensino da História e Literatura, são importantes na construção de conhecimento sobre a realidade atual, origem de problemas sociais e até questionamentos da própria realidade dentro do recorte social que vivem.

Compreendemos assim, que a História e a Literatura atuam não só como disciplina, mas como processo social, enquanto expressões de uma sociedade que possui história e a utiliza como fonte documental para produção do conhecimento histórico, entendendo também que as fontes literárias necessariamente são usadas como metodologia na pesquisa histórica.

Partindo das oficinas estabelecidas com os alunos de Ensino Médio do CAP-UNIGRANRIO, vemos a importância dos textos lidos, recebendo atuação de documento, sendo eles monumentos que cabem ao historiador desvelar a construção, linguagem, foco e finalidade. (LE GOFF, 1996).

A História vai se formando através de restos e o historiador os borda. Não há nem jornada fixa para isso, pois o maior trabalho é individual, através da prática, treinamento e repetição de tarefas.

Tal tecelão, não é valorizado no seu grande bordado, não da maneira devida, pois de acordo com o exposto, não há abundância em sua fonte de trabalho, entretanto muita escassez e pesquisa árdua (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2015).

Princípios elementares para a investigação histórica, e a Literatura necessitam de análise detalhada para que o historiador possa fazer descobertas. E isso foi passado aos alunos para que pudessem compreender categorias tão comuns a eles, sendo apresentadas e discutidas nos textos do início do século XX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida (Org.). *Evolução Urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR, 1988.

ALBUQUERQUE JUNIOR. O Tecelão Dos Tempos. O Historiador Como Artesão Das Temporalidades. In: *Revista Eletrônica Tempo Presente*. Rio de Janeiro. 2015.

BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. *Contos Pátrios*. Francisco Alves, RJ, 1931.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. In: *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 3, junho/ 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CABRINI, Conceição. *Ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: EDUC; CONEP, 2000.

FONSECA, Thais. LIMA, Nívia de. *História e Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

FONSECA, Selva Guimarães. *Ser Professor no Brasil*. Campinas: Papyrus, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento e Memória. In: *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. *O Cenário do Progresso: A Escola Nacional de Belas Artes, o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional na Reforma Pereira Passos*. Dissertação de Mestrado (Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999.

NADAI, Elza. O Ensino de História no Brasil: Trajetória e Perspectiva. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 13. Set. 1992. Ago. 1993.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *História da Educação*. ASPHE/ FaE/UFPel. Peloras, n. 14, 2003.

RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. Coleção Biblioteca Carioca: Rio de Janeiro, 1995.